

## TEATRO DE FANTOCHES: UMA ESTRATÉGIA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

Rafael Angel Torquemada Guerra\*, Christiane Rose de Castro Gusmão\*\* e Edgard Ruiz Sibrão\*\*\*.

\* Depto Sistemática e Ecologia da Universidade Federal da Paraíba - UFPb  
Caixa Postal 5046, Cidade Universitária  
58051-970, João Pessoa, PB, Brasil  
Fax: 083 – 216-7464 [guerra@dse.ufpb.br](mailto:guerra@dse.ufpb.br)

\*\* Colégio Colibri-Athenas e Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonio Pereira de Almeida

Aluna do Bacharelado em Ciências Biológicas da UFPb

\*\*\* LEAL-Laboratório de Educação Ambiental Lúdica, Depto. de Sistemática e Ecologia, UFPb

### Correspondência

Prof. Rafael Torquemada Guerra  
Universidade Federal da Paraíba, Depto. de Sistemática e Ecologia  
Caixa Postal 5046, Cidade Universitária  
58051-970 João Pessoa, PB  
Brasil

### RESUMO

Buscando sensibilizar as crianças de escolas públicas de João Pessoa, Paraíba, Brasil, para os problemas ambientais que vivenciam, utilizamos o Teatro de Fantoques, metodologia lúdica que vem sendo, entre várias outras utilizadas por nós, a mais eficaz pois ela envolve todos os sentidos da criança, levando-os a interagir com os bonecos numa linguagem simples e adequada à sua faixa etária, 6 a 10 anos, sempre com altas doses de bom humor. A participação é de todos os presentes, com suas atitudes influenciando no desenrolar das peças, fazendo com que o “feedback” seja imediato, mostrando com isso que os alunos realmente absorveram a mensagem retransmitindo-a em casa, no bairro, enfim, transformando-os em futuros agentes multiplicadores. Temos observado que as crianças vivenciam a fantasia dos fantoches no seu cotidiano escolar, com alguns alunos cobrando dos outros que não joguem lixo no chão, que não briguem com os colegas, que sejam solidários, entre outras posturas. O que podemos concluir até agora, depois de quatro anos de trabalho em várias escolas, é que a mudança no comportamento dos alunos é, visível e emocionante, pois sua postura e atitudes, apesar de serem tão jovens, se mantêm como pudemos observar ao voltar, às vezes um ano

depois às escolas onde havíamos desenvolvido esses trabalhos. Em uma das escolas, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis, os alunos formaram dois grupos de teatro sob a nossa orientação junto com os professores, para atuarem como multiplicadores com as novas turmas que chegam a cada novo ano.

Palavras chave: Teatro de Fantoches, Educação Ambiental, Ensino Fundamental, Sensibilização.

## ABSTRACT

### PUPPETS SHOW: A STRATEGY IN ENVIRONMENTAL EDUCATION

We aimed in the present work to show how children of state grade schools in João Pessoa, capital of Paraíba state, Northeast Brazil, can be sensitized to the environmental problems they experience in their daily life, by using the ludic behaviour methodology of puppets show. This method showed to be, among others we utilized, the most effective way to stimulate their perception, since it involves all children's senses, making them to interact with the puppets in an appropriate language to their age, 6 to 10 years old, in a good-humoured atmosphere. All children participate of the play acting upon the sequence of the acts, exhibiting promptly the positive feedback of the show, by transmitting the knowledge they get to people at home and at the districts where they live, making them 'multipliers' in Environmental Education (EE). We noticed that they experience the puppets fantasy in their daily life at school demanding their colleagues for not throwing unwanted objects away on the ground, for not fighting among themselves; and they also show solidarity with one another, and other positive attitudes. We concluded after four years we have been applying this methodology at several schools, that we had a rewarding experience, mainly when we returned to those schools one year later or so, to observe that even very young children are still bearing those positive attitudes. In one of the schools where we applied the methodology, the Municipal Grade School Machado de Assis, the students created a theatre group supervised by ourselves and some of their teachers, for acting as 'EE multipliers' with the yearly new coming students.

Key words: Puppets Play, Marionette, Elementary School, Grade School, EE, Sensitization.

## NOTAS BIOGRÁFICAS

Prof. Rafael Torquemada Guerra – Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de São Carlos, SP, Mestre em Ecologia pelo INPA/FUA de Manaus, Multiplicador de Educação Ambiental pelo MEC. Prof. Adjunto de Ecologia de Ecossistemas Terrestres da Universidade Federal da Paraíba, Brasil, Coordenador do LEAL – Laboratório de Educação Ambiental Lúdica e do projeto Educação Ambiental Para Um Futuro Melhor que busca implementar a EA nas escolas e desenvolve trabalhos com crianças de escolas públicas de ensino fundamental através do lúdico (teatro de fantoches, cartilhas educativas, historinhas infantis) e sobre EA e sexualidade com adolescentes. O teatro é trabalhado também com pessoas da terceira idade.

Profª Christiane Rose de Castro Gusmão – Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Paraíba, bolsista durante quatro anos do PROLICEN/UFPB junto ao projeto Educação Ambiental Para Um Futuro Melhor, designer infantil. Trabalha como colaboradora junto à equipe do LEAL – Laboratório de Educação Ambiental Lúdica produzindo material paradidático e como professora de Ciências em escolas públicas e privadas.

Edgard Adelino Ruiz Sibrão – Técnico do Laboratório de Educação Ambiental Lúdica – LEAL, Titeriteiro e bonequeiro com curso feito no Centro de Pesquisa e Difusão de Teatro de Bonecos do Estado da Paraíba. Criador dos bonecos e da cenografia.

## INTRODUÇÃO

O teatro de fantoches, teatro de bonecos ou simplesmente de mamulengos como é conhecido aqui no nordeste do Brasil, tem sua origem na remota antigüidade. Nessa época começou-se a modelar bonecos no barro, sem movimentos e, pouco a pouco, esses bonecos foram sendo aprimorados, até receberem, mais tarde, a articulação da cabeça e dos membros podendo, a partir daí, fazer representações com eles. Nas antigas China e Índia assim como na ilha de Java o teatro de bonecos já era bem conhecido. Na Grécia antiga, os bonecos não só tinham uma importância cultural, mas religiosa também. A cultura grega do teatro de bonecos foi assimilada pelo Império Romano e se espalhou por toda a Europa. Na Idade Média, os bonecos eram utilizados em feiras populares e nas doutrinas religiosas.

Na América, os fantoches foram trazidos pelos colonizadores, apesar dos nativos já fazerem bonecos articulados que imitavam os movimentos dos homens e dos animais. No Brasil, as primeiras representações com bonecos datam do século XVI. No Nordeste, o teatro de bonecos apareceu principalmente em Pernambuco, onde a tradição permanece até os dias de hoje. Somente em meados do século XX é que o teatro de bonecos se consolidou fortemente em nosso país. Mais recentemente, ele vem sendo utilizado não apenas como espetáculo mas como estratégia educacional lúdica. Em várias de suas obras, Piaget (1997) menciona o uso de práticas lúdicas com crianças dizendo que esse processo é válido quando bem aplicado pois além do lazer o lúdico é um método de desenvolvimento intelectual. Mas, na prática pedagógica em nossa região, não se lança mão ainda dessa prática.

Apesar do surgimento da nova LDBE – Lei de Diretrizes e Bases da Educação e dos PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) no cenário educacional brasileiro, o ensino, na maioria das escolas públicas de João Pessoa, Paraíba, continua o mesmo. A mesmice, ou para muitos o ensino tradicional, ainda impera nas escolas. Ensino esse aliado à total falta de criatividade (ou seria motivação?) de nossos professores. As crianças ainda não entendem o que estudam, para que estudam e por que estudam. E nem estamos falando em Educação Ambiental ainda.

As aulas são, em sua maioria, desligadas de uma realidade próxima do dia a dia do aluno. Assim, nas escolas rurais, fala-se em indústrias, carros, computadores e o que o aluno vivencia é o roçado de feijão e de mandioca em que trabalha depois da aula. Isso, no caso daqueles que conseguem estudar. Nas escolas das áreas urbanas fala-se, na Floresta Amazônica, no Pantanal e o que o aluno vivencia é o barulho do trânsito ou o mau cheiro do esgoto correndo a céu aberto, muros pichados etc...(Guerra *et al*, 1999). O que presenciamos nos dois tipos de escolas, tanto a rural quanto a urbana, é que o que é ensinado se resume única e exclusivamente ao que está nos livros didáticos produzidos sem compromisso com a realidade e os valores culturais e ambientais do público que os vai utilizar.

Os principais problemas da rede pública de ensino, que não são poucos, são os problemas de infraestrutura física, ou seja, a falta de salas de aula, carteiras, materiais adequados etc. Para a escola em que falta giz, a Secretaria de Educação envia retroprojetores, para a escola que precisaria de retroprojetores não mandam nada, isso sem falar nos materiais didáticos. Estes são de ótima qualidade gráfica e não estão mais faltando ou chegando com atraso. Mas não são voltados para a nossa realidade nordestina e o que é pior, todas as

atividades que os professores venham a desenvolver baseadas nos livros didáticos fogem completamente à realidade das crianças. Com isso o que elas aprendem? Aprendem a somar, multiplicar e até a dividir com morangos, maçãs e kiwis. Aprendem também a História e a Geografia mas, como no caso das frutas, não as da nossa região. Se lhes perguntarem quem foi João Pessoa, provavelmente responderão que: “João Pessoa é a capital da Paraíba, professor!” Segundo Japiassu (2001), “*Na rede pública, não é difícil constatar que o gerenciamento autoritário das unidades de ensino, a carência de espaços adequados para o trabalho com as artes, a superlotação das classes, as instalações escolares precárias e os baixos salários pagos aos trabalhadores da educação, têm afugentado a competência profissional.*” E este é um outro tipo de problema, o que se relaciona com o ser humano, no caso os professores, os funcionários e o corpo técnico das escolas. Em muitas delas o que se encontra são pessoas totalmente despreparadas para lidar com crianças, e muito menos com crianças que vem para a escola com carência de tudo, de carinho, de afeto, de colo, de cultura e de educação principalmente para a vida. Esse despreparo faz com que a criança em vez de avançar, fique estagnada, daí as necessidades de se criarem salas de aceleração e outras estratégias semelhantes.

É contra isso que estamos lutando, contra, talvez, o pior mal que se pode fazer a uma criança, não permitir a expressão da sua criatividade e impedi-la de sonhar ao não explorar o seu potencial criativo, bitolá-la. Segundo Reverbel (1979), “*Infelizmente, a maioria dessas escolas mantém um ensino tradicional, responsável pela limitação criativa do aluno*”, ao contrário do proposto por Telles et al. (2002), que incentivam a sua criatividade.

O Projeto “Educação Ambiental para um futuro melhor!” do Departamento de Sistemática e Ecologia da Universidade Federal da Paraíba - UFPb, vem utilizando diversos recursos e metodologias lúdicas para sensibilizar alunos e professoras das escolas públicas de Ensino Fundamental. Entre elas citam-se oficinas de desenho e de pintura, jogos educativos, dinâmicas ambientais, cartilhas educativas e o trabalho com Teatro de Fantoches. Autores como Amaral (1978), Coutney (1980), Reverbel (1988) e Ladeira e Caldas (1993), dentre outros, confirmam que o teatro de bonecos na escola pode proporcionar ao aluno uma rica e significativa experiência, podendo abrir caminhos para as descobertas e a exploração do mundo que o rodeia. O teatro de fantoches é o que mais alegra e sensibiliza a criança por transmitir, de uma forma simples e direta, a mensagem de cuidar do nosso ambiente e do nosso planetinha. De acordo com Galvão (1996), “*As crianças parecem receber bem melhor e armazenar com mais facilidade as imagens, quando são apresentadas através de algo que as encante emocionalmente como é o caso do Teatro de Bonecos*”. Para tentar melhorar, um pouco que seja, a situação dessas crianças é que estamos apresentando historinhas do dia-a-dia na forma de peças de fantoches onde, na verdade, ninguém é mocinho nem vilão, todos os bonecos representam pessoas, como nós que, às vezes, não sabem ao certo o que fazer e precisam da ajuda de um Ronaldinho ou mesmo do macaco Simão e, principalmente, todos precisam de todos para, pelo menos, tentar solucionar os problemas socioambientais presentes no seu entorno e/ou tentar não cria-los.

## OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho foi o de descrever como as metodologias lúdicas, neste caso específico, o uso do teatro de fantoches, pode ser utilizado na sensibilização dos alunos da 1ª à 4ª séries do ensino fundamental, com idades entre seis e dez anos, e os resultados obtidos com essa metodologia.

## MATERIAL E MÉTODOS

As metodologias lúdicas são utilizadas e conhecidas desde a Grécia antiga. No nosso caso, utilizamos uma metodologia do tipo lúdico-participativa, ou seja, os alunos não apenas assistiam a apresentação, mas participavam dela com suas opiniões etc... No momento inicial, no primeiro contato com a escola, buscamos conhecer sua realidade ambiental, seus problemas, sua atuação pedagógica e, a partir desse conhecimento, planejamos, junto com os professores e a direção, o tema da peça, como seria desenvolvida, a data em que seria apresentada e a forma como seria trabalhado posteriormente o tema em sala de aula pelos professores. De volta ao LEAL, Laboratório de Educação Ambiental Lúdica, nosso local de criação, a equipe do projeto iniciava a discussão de como seria a peça, ou seja, a peça começava a ser criada. Muitas vezes, a historinha de uma cartilha educativa produzida por nós podia ser utilizada como roteiro. Em seguida, escolhiam-se os bonecos, confeccionados por um membro da equipe, que seriam utilizados e, na seqüência, era traçado um roteiro básico que seria seguido pelos bonecos-personagens. O roteiro básico seguia a trajetória da eterna luta do “bem” contra o “mal”. O “bem” podia ser representado pelos alunos que queriam limpar sua escola, pelas crianças que queriam defender a mata contra as máquinas que iam derrubá-la etc... Já o “mal”, no caso, era representado por essas mesmas máquinas que iam derrubar as árvores da mata citada, os alunos que queriam sujar sua escola etc... Sempre que possível, os professores eram envolvidos na ação, através da fala dos personagens ou de outra forma que podia surgir no momento da ação. Não existiam falas definitivas a serem decoradas pois estas podiam mudar de acordo com a reação dos alunos no decorrer da apresentação da peça. O local, onde eram feitas as apresentações, também exercia uma forte influência no desenvolvimento das peças. Geralmente, todos os presentes ficavam sentados no chão ou em cadeiras, pois as apresentações atraíam a curiosidade de muita gente. Às vezes, a área era muito ampla e a visão e/ou o som dos personagens eram prejudicados, tornando-se insatisfatória para as pessoas que por infelicidade haviam se sentado mais afastadas do palco.

Ao findar cada apresentação era feita uma confraternização entre a equipe, os alunos, os professores, as merendeiras, os pais que muitas vezes estavam presentes e já nesse momento era feita nossa primeira avaliação sobre o efeito da peça nos alunos. Conforme o planejado, o tema era, posteriormente trabalhado em sala de aula e os professores faziam a primeira avaliação sobre a eficiência da ação na modificação do comportamento dos alunos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Qual o papel que a escola pode ou deve desempenhar neste século, no novo milênio? É consenso para vários autores que a escola tem que preparar cidadãos, conscientizando-os para a sua cidadania, porém, segundo FREIRE (1987), “*Não existe uma consciência antes e um mundo depois e nem vice-versa, pois a intencionalidade da consciência humana não morre na espessura de um envoltório sem reverso. Ela tem dimensão sempre maior que os horizontes que a circundam.*” Segundo este prisma, a escola sozinha não pode conscientizar. Segundo

Souza e Guerra (2003), “A conscientização é um processo pessoal, portanto não pode ser imposto e acontecer de fora para dentro. Para que este processo aconteça, e até se torne mais rápido, é preciso que todos participem dele para promoverem a sensibilização, processo inicial, externo que desencadeia a conscientização.” Corroborando esta idéia, a UNESCO, órgão das Nações Unidas para a Educação, ergueu quatro pilares para orientar a educação e o papel da escola para este século. São eles: 1º - Aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; 2º - Aprender a fazer, isto é, poder agir sobre o meio envolvente; 3º - Aprender a viver juntos, isto é, cooperar com outros em todas as atividades humanas e 4º - Aprender a ser, via essencial que integra os três precedentes (Delors, 1999). A Educação Ambiental se encaixa aí perfeitamente, pois deve ser um instrumento de sensibilização e capacitação do ser humano em relação à temática ambiental e, o uso do lúdico através de diversas atividades auxilia no desenvolvimento de atitudes ambientalmente responsáveis desde a mais tenra idade, no caso, dos seis aos dez anos, com o objetivo de apoiar a formação de uma consciência ambiental crítica que leve a mudanças de comportamentos e atitudes. Foi com esse intuito que buscamos implementar um projeto de EA.

Várias atividades lúdicas foram desenvolvidas com os alunos de pelo menos cinco escolas públicas de ensino fundamental de João Pessoa. Foram desenvolvidas primeiramente, oficinas de desenho e oficinas de pintura. A análise do desenrolar e do resultado final mostrou que, além de serem atividades individuais, elas não levavam a um sentimento coletivo posterior em relação ao tema trabalhado. A tentativa seguinte foi a da criação de um teatro de fantoches com os bonecos sendo confeccionados com materiais alternativos, no caso, meias de futebol, por nós, como sugerido por outros autores como Junqueira *et al* (2002). Ao final das apresentações, pudemos verificar, juntamente com os professores, que a atividade só despertava o interesse dos alunos menores, da alfabetização e de algumas creches, com idades dos três aos cinco anos. A seguir, desenvolvemos uma série de jogos e de gincanas com a temática ambiental e, como no caso dos fantoches de meias, só conseguimos despertar o interesse dos mais adultos, com idades entre dez e doze anos por terem, nessa faixa etária, um espírito competitivo mais desenvolvido. Depois de várias reuniões de planejamento, resolvemos tentar novamente os fantoches, desta vez com um tamanho maior, 50 a 60cm, e confeccionados com tecido e/ou espuma.

A primeira peça preparada para ser apresentada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cantalice Leite Magalhães, foi baseada na historinha da primeira cartilha educativa criada por nós, Limpeza sim, lixo não! (Guerra e Gusmão, 2003). Nessa historinha, Gasguita é uma menina que não gosta das plantas, da mata, dos animais e, só quer saber de passear no shopping com as amigas. Na escola, não quer colaborar com os amigos, mantendo a sala de aula e a escola limpas, pois ela acha que é obrigação das faxineiras limpar a sujeira deixada por ela. Já Ronaldinho, é o típico amigo da mata e dos animais, gostando de ter bons hábitos de higiene e de comportamento. Um belo dia, Ele estava dando uma volta pela mata, quando seu amigo, o macaco Simão veio em sua direção, pulando de galho em galho, pedindo-lhe ajuda pois, uma menina que ele não conhecia, estava querendo, por puro prazer, derrubar as árvores. Ao mesmo tempo, outro amigo de Ronaldinho, o sapo Bola, saltou aos seus pés e também pediu sua ajuda. Para seu espanto, a queixa era contra a mesma menina, que estava sujando as águas da lagoa que havia dentro da mata. Ronaldinho, resolveu fazer algo, pois aquilo não podia continuar acontecendo. Quem aquela menina pensava que era? A dona do mundo? No dia seguinte, ele estava na escola contando o que tinha acontecido na mata aos seus amiguinhos quando uma menina, feia, de dentes sujos e “bafo de onça” deu uma escandalosa gargalhada e, em seguida, vangloriou-se toda, dizendo que aquela menina da mata era ela. Depois de muitas armações infantis e conversas, Ronaldinho e seus amigos o sapo Bola e o macaco Simão, conseguem mostrar a Gasguita que seu comportamento e suas

atitudes estavam erradas. Finalmente, depois de um longo trabalho de sensibilização, ela passa a fazer parte dos amigos da natureza e da limpeza, começando pela formação de um grupo de agentes ambientais na escola. Para nossa satisfação e alegria dos professores, esse tipo de atividade lúdica, deu certo e resolvemos, então mantê-la, desenvolvendo-a em várias escolas.

Cada peça e cada boneco e, depois cada personagem, foi surgindo, criando forma, ou melhor, criando vida. Segundo Galvão (1996), "*Só confeccionar o boneco não é criá-lo, pois a criação só se dá por completo, quando o boneco recebe vida, através da manipulação e expressão verbal*". Desde as reuniões de criação inicial até o nascimento de mais um boneco-personagem ocorre um processo conceutivo lento e, às vezes, trabalhoso. Ainda segundo o mesmo autor, "*O boneco, depois de pronto, não deve ser julgado por nossos padrões de beleza, cor ou proporção*".

No decorrer das apresentações, em momento algum era mencionado que a atitude de um ou outro boneco-personagem estava correta ou não. Os alunos viam e vivenciavam juntamente com eles as conseqüências dos seus atos e depois decidiam se deviam seguir as atitudes deste ou daquele personagem. E isso era demonstrado através de suas reações, que eram as mais diversas possíveis, variando desde expressões de raiva ou alegria e gritos, até a intervenção física junto a algum personagem num momento em que este pedia socorro, por exemplo.

Os alunos aprendiam com as atitudes dos personagens como se fossem as suas. Essa metodologia vem sendo desenvolvida com o intuito de promover um tipo de educação diferente da tradicional que utiliza apenas, o caderno, o lápis, o quadro-negro e o giz e, segundo Piletti (1993), "*...trata-se de um tipo de aprendizagem afetiva ou emocional, que diz respeito aos sentimentos e emoções dos alunos...*". As mensagens eram passadas de uma forma engraçada, simples e diretamente relacionadas com a realidade dos alunos. Também eram criadas e adaptadas canções para que se tornasse, cada vez mais fácil e agradável, adquirir conhecimentos sobre o ambiente e sobre como devia ser a nossa relação com ele.

Apesar de haver um roteiro básico como guia a ser seguido, as falas e o comportamento de cada personagem podiam ser diferentes de acordo com a reação dos espectadores. Isso, se por um lado, podia diminuir a eficiência das peças, por outro permitia a abertura para novas possibilidades, novas abordagens, agora sob o enfoque do aluno, ou seja, ele deixava de ser o espectador para ser o ator e participar, junto com o boneco, da ação. Afinal, no seu imaginário, o boneco era um ser como ele, vivo. De acordo com Borba Filho (1987), "*O boneco tem vida, ele é um ser misterioso, feito às vezes à nossa imagem e semelhança, mas de qualquer forma cria uma tela sobre a qual podemos construir um mundo. Alguns especialistas no assunto dizem que o simples boneco mudo veste no espetáculo, transforma-se de ser passivo, dependente, obediente às nossas mãos, em uma criatura de vida própria e atuante, porque, em nossa condição de espectadores, colocamo-nos em face do inesperado.*"

O teatro de fantoches, buscava colocar os alunos, num mundo imaginário, mas real. Segundo o mesmo autor, "*... estamos em pleno mundo da transfiguração, exigindo do espectador uma participação no plano da imaginação, para suprir tudo o que é sugerido. Eis em que reside o paradoxo do boneco; precisa exprimir mais que um ator de carne e osso porque dispõe de meios mais limitados, ajudados pelo espectador.*" E, nesse mundo os alunos ouviam atenciosamente as historinhas de Ronaldinho, do macaco Simão, e sua turma que conviviam, lado a lado, como na vida real fazendo, dessa forma, uma ponte para a sua realidade vivenciada no dia a dia, sensibilizando-os para os problemas ambientais e principalmente transformando-os em agentes multiplicadores da nossa mensagem. Pedindo que seus amigos tivessem posturas ambientais corretas não sujando a sala de aula e a escola, não brigando, não caçando passarinhos, não desperdiçando água e energia etc... Não era raro ouvirmos, entre os

alunos dessas escolas, frases como “Não jogue esse papel no chão, você não ouviu o que o Ronaldinho disse?”, o que demonstrava a forte ligação do aluno com os bonecos.

A partir dessa peça inicial, outras foram sendo criadas e encenadas, sempre seguindo um planejamento com os professores das escolas. Essas peças tinham como temas os problemas causados pelo lixo, a agressividade e a carência de afeto dos alunos, a falta de solidariedade, a higiene, a cidadania, a conservação ambiental, a economia de água e de energia entre outros. Inclusive, o teatro foi levado para dentro de sala de aula para abordar temas dos conteúdos curriculares. Alguns autores como Santos (2001), acham que “A criança aprende mais rapidamente quando ela pode vivenciar o objeto do aprendizado. Discursos e palestras nem sempre atingem a qualidade necessária para uma boa retenção do que se ensina”. O teatro possui o poder de reunir todas as artes em si mesmo. Está presente nas artes plásticas, nas artes cênicas, na dança, na música etc... O teatro de fantoches envolve o espectador pelos seus cinco sentidos físicos mas, especialmente pelo lado emocional. Todas as funções da mente se voltam para o palco, para os bonecos. Toda a atenção é, então, concentrada na diversão e no aprendizado!

Cada peça era apresentada pelo menos uma vez em cada escola, porém o seu texto era modificado de acordo com a situação encontrada nas mesmas, ou atendendo a alguma solicitação dos professores acerca de um tema local relevante como a violência, por exemplo. Esse tipo de teatro pode ser encarado como sendo didático, pois promove um aprendizado informal e intuitivo já que, segundo Reverbel (1979), *“... o teatro tem a função de divertir instruindo, é uma verdade que ninguém ousaria contestar, pois seria negar-lhe a própria essência e a sua longa história.”* A eficácia desse aprendizado era medida imediatamente, num “feedback” instantâneo, nas expressões de raiva para com os “vilões” da história e alegria e vibração em relação aos “heróis”. Essas reações evidenciavam algumas das interações que ocorriam no momento das apresentações e eram elas que permitiam que os personagens também cobrassem dos alunos posturas adequadas, cobranças que, na maioria das vezes, eram atendidas.

Levando-se em consideração que, o objetivo da Educação Ambiental é o de mudar comportamentos e fazer com que cada um se torne um cidadão responsável e capaz de buscar uma melhor qualidade de vida conservando o seu ambiente, como fazer para que a mensagem da EA se instale de maneira permanente na mente de professores e alunos, objetivando construir esse cidadão tão desejado? A mensagem passada pelos bonecos era, na seqüência, trabalhada em sala de aula pelos professores para que sua assimilação fosse duradoura. Antunes (1999), destacando pensadores como Heidegger, Bataille, Lorenz e Gardner entre outros que destacaram a importância do lúdico, diz que *“está se perdendo no tempo a época em que se separava a” brincadeira “; o jogo pedagógico da atividade “séria”*. Vem daí a importância de se trabalhar com os fantoches. Essa metodologia é uma das melhores formas de transmitir os ensinamentos da EA, e também a preocupação de como estamos tratando o nosso ambiente e de como deveríamos tratá-lo. Segundo Buscaglia (1997), *“Parece paradoxal, que muitos educadores e pais diferenciem ainda o tempo de aprender do tempo de brincar, sem perceber o elo vital que há entre eles”*.

Os fantoches exerciam uma magia fascinante não só com os alunos, mas também com os adultos e durante as apresentações eles passavam a idéia imediata de que sofriam com as conseqüências de seus atos, como agredir o seu ambiente por exemplo, transmitiam também um sentimento de solidariedade quando pediam e recebiam ajuda, principalmente, por parte dos alunos, para enfrentar as batalhas. E, como sempre, no encerramento de cada peça todos se davam as mãos, pois a limpeza havia vencido a sujeira e o ambiente foi conservado.

Mamede (2001), diz que *“ A interpretação ambiental é uma forma de despertar a consciência, trazendo à tona a importância de se conservar através de atividades ou dinâmicas*

*que aproximem o público das realidades sobre as questões ambientais, sociais, culturais, históricas e artísticas.*” Ainda segundo a mesma autora, *“Por ser o teatro a arte de interpretar (representar)...é uma forma descontraída de levar a informação e, ao mesmo tempo que informa, também interage, ao mesmo tempo que diverte, ensina.”*. E, encerrando, constata que *“O interpretador e o interpretado possuem papéis importantes e essenciais para a conservação da natureza.”* Outros autores como Palhano (2001), *“reconhecem o valor do teatro de bonecos ou de fantoches como meio de comunicação e sua importância como meio de desenvolvimento da ação educativa, nos níveis cognitivo, afetivo e motor e o recomenda no desenvolvimento de atividades pedagógicas”*.

Além das nossas observações e avaliações, ao final de cada ano de atividade nas escolas, era solicitado aos professores, que fizessem a sua avaliação para que, através delas, pudéssemos balizar nosso rumo dali em frente. A seguir, são mostradas algumas respostas dos professores às perguntas específicas em relação ao teatro de fantoches (Guerra, 1999,2000,2001,2002).

À pergunta: Na sua opinião, quais foram as atividades do projeto, desenvolvidas na escola, que mais contribuíram para uma mudança de comportamento por parte dos alunos e dos professores? Foram dadas, entre outras, as seguintes respostas:

*“O teatro de fantoches, teve uma significativa importância.”*

*“O teatro de fantoches, eles aprenderam a prestar mais atenção.”*

*“O curso, a presença do teatro, a oficina pedagógica e a interação do projeto na semana do meio ambiente.”*

*“Os professores e alunos tomaram consciência da importância da preservação, e conservação do meio ambiente. Os perigos do lixo nas ruas praças e rios, praias etc.através dos fantoches.”*

*“Na minha opinião foram os fantoches, quer dizer, o teatrinho de fantoches, pois é uma atividade que transmite o que se quer passar e é um divertimento para todos.”*

*“As peças apresentadas pela equipe e cursos ministrados.”*

*“Teatro de fantoches e aulas de educação física.”*

*“As atividades de teatro.”*

*“O teatro e os materiais paradidáticos.”*

*“Todas.”*

*“As atividades de teatro, onde podemos ver tanto a parte teórica como a prática no que se refere ao meio ambiente.”*

À pergunta: Que mudanças de comportamento dos alunos você pode apontar? Responderam assim:

*“Sempre há exceções. Há alguns alunos que tem um comportamento, que a gente observa que houve grandes mudanças. Mas, já tem outros que ainda não aprenderam a conservar o verde.”*

*“Convivência com os colegas em sala de aula. A preocupação de não colocar lixo no chão, quando eles vêem alguém colocando eles reclamam.”*

*“O interesse passou a ser maior pela questão ambiental como um todo. Surgiram grupos de protetores (ambientais) na sala de aula.”*

*“Podemos ver no dia, a dia que nossos alunos ficaram mais interessados comprometido com a coleta seletiva. Procurando informações em livros revistas e tv sobre o efeito das queimadas nos mananciais hoje através dos livros e peças escritas e apresentadas pelo grupo do professor Rafael. Eles tem sempre algo novo a falar sobre o meio ambiente.”*

*“A participação dos alunos na coleta seletiva do material reciclado e o zelo com a conservação das salas e da escola como um todo.”*

*“Mais participação nas aulas, mais empenho nas atividades, melhor direcionamento as produções textuais.”*

*“Uma forma dinâmica por parte dos professores e maior interesse dos alunos nos temas abordados.”*

*“A preservar mais a natureza, a jogar lixo no lixo, a coleta seletiva do lixo reciclável.”*

*“Por parte dos alunos maior interesse pelos temas abordados e por parte dos professores uma forma mais dinâmica na atuação dentro e fora da sala.”*

*“O ouvir. Respeito. Cidadania. Conscientização.”*

Do depoimento dos professores podemos deduzir que, entre todas as atividades lúdicas desenvolvidas nas escolas e, em particular, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Machado de Assis, o teatro de fantoches foi, sem dúvida, a mais eficiente para atingir um dos objetivos primordiais da EA que é o de modificar comportamentos tornando-os mais harmoniosos com o meio. E, como afirmou FREIRE (1998, p.29), *“Nas condições da verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim, podemos falar realmente do saber ensinado, em que o objeto ensinado é aprendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos.”*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após quatro anos de exercício dentro de várias escolas públicas, algumas reflexões podem ser feitas. Metodologias lúdicas como as descritas aqui são muito eficientes para a sensibilização dos alunos em relação aos temas abordados. Os assuntos e as mensagens que são passadas tem que ter uma prática continuada, dentro da filosofia da formação continuada do indivíduo, em sala de aula, pois elas poderão se perder com o tempo, mesmo por que, não criaram, apenas no momento da abordagem, ligação com o cotidiano dos alunos e, muitas vezes, até dos professores. O teatro de fantoches e outras formas de teatros, ao contrário, podem e devem ser usadas como novas metodologias de ensino, não apenas abordando a Educação Ambiental, mas todos os conteúdos do currículo escolar. O desenrolar da ação coloca o tema abordado em sintonia direta com o contexto cotidiano, tanto do educando quanto do educador. Isso ficou muito claro quando, no desenvolvimento da ação, verificamos que, os alunos das escolas rurais, reagiam de forma totalmente diversa da dos alunos das escolas urbanas, face às situações em que os personagens mais próximos à natureza que eles conheciam, como animais e plantas por exemplo, se encontravam em perigo na peça que estavam assistindo. O notável desespero dos primeiros em ajudá-los, os levava a intervir diretamente na ação que se desenrolava, em defesa dos animais. A reação mais intensa verificada entre os alunos urbanos, ficou restrita a uma intervenção oral, contida. Esse comportamento mostrou que o tema estava totalmente inserido no cotidiano do aluno da zona rural e que, este, ainda está bem integrado a seu ambiente onde é comum a presença desses animais e que o aluno da zona urbana tornou-se mais acomodado, mais distanciado da natureza e, por isso ficava esperando que alguém tomasse uma atitude por ele.

Alguns fatores podem interferir no desenvolvimento dessas metodologias, como a mudança da filosofia de ensino das escolas, a mudança de orientação pedagógica, a mudança na direção das escolas e outras, por exemplo. Mas, todos os fatores favoráveis e, até os

desfavoráveis, de alguma forma, tem sua contribuição a dar. De qualquer maneira com os erros acaba-se obtendo o acerto e com os acertos melhoramos e evoluímos em tudo na vida.

Podemos encerrar dizendo que esta estratégia, o teatro de fantoches, por ter sido bem assimilada pelos professores e, principalmente pelos alunos, foi incorporada às suas práticas pedagógicas diárias no caso da escola Machado de Assis em que há, hoje, um grupo de teatro formado por alunos que se apresentam em outras escolas atendendo a convites, sempre levando a Educação Ambiental como bandeira. Afinal, como disse Confúcio (apud Grisi, 2000), “*Conte-me alguma coisa e eu não me lembrarei. Mostre-me alguma coisa e me lembrarei vagamente. Envolve-me em alguma coisa e compreenderei.*” Com os alunos dessas escolas aconteceu exatamente isso, foram envolvidos na ação e, quando perceberam, deixaram de assistir para atuar no teatro da vida.

## REFERÊNCIAS

- Amaral, A. M. 1978. Teatro de formas animadas. Edusp/FAPESP, São Paulo.
- Antunes, C. 1999. Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências. Ed. Vozes, Petrópolis.
- Borba Filho, H. 1987. Fisionomia e espírito do mamulengo. Inacen, Coleção Ensaios, Rio de Janeiro.
- Brasil.Secretaria de Educação Fundamental. 1998. Parâmetros Curriculares Nacionais. MEC-SEF, Brasília.
- Buscaglia, L. 1997. O paraíso fica perto. Nova era, Rio de Janeiro.
- Coutney, R. 1980. Jogo teatro e pensamento - As bases intelectuais na educação. Ectiva, São Paulo.
- Delors, J. 1999. Educação – Um tesouro a descobrir. Cortez, MEC/UNESCO, São Paulo.
- Freire, P. 1987. Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. 1998. Pedagogia da Autonomia. Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- Galvão, M. N. C. 1996. Possibilidades Educativas do Teatro de Bonecos nas escolas públicas de João Pessoa. Dissertação do Curso de Mestrado em Educação, Centro de Educação, UFPb, João Pessoa.
- Grisi, B. 2000. Glossário de Ecologia e Ciências Ambientais. Ed. Universitária?UFPb, João Pessoa.
- Guerra, R. A. T. 1999. Educação Ambiental para um futuro melhor. Relatório das atividades desenvolvidas. PROLICEN, Pró-reitoria de Graduação, UFPb, João Pessoa.

- \_\_\_\_\_. 2000. Educação Ambiental para um futuro melhor. Relatório das atividades desenvolvidas. PROLICEN, Pró-reitoria de Graduação, UFPb, João Pessoa.
- \_\_\_\_\_. 2001. Educação Ambiental para um futuro melhor. Relatório das atividades desenvolvidas. PROLICEN, Pró-reitoria de Graduação, UFPb, João Pessoa.
- \_\_\_\_\_. 2002. Educação Ambiental para um futuro melhor. Relatório das atividades desenvolvidas. PROLICEN, Pró-reitoria de Graduação, UFPb, João Pessoa.
- Guerra, R. A. T., Souza, A. K. P., Gusmão, C. R. C., Sibrão, E. A. R., Córdula, E. B. L., Nascimento Júnior, J., Freitas, R. C. S. 1999. A Educação Ambiental no ensino público fundamental em João Pessoa, Paraíba, Brasil. Disponível em <http://umweltprogramme.de/meioambiente99>
- Guerra, R. A. T., Gusmão, C. R. C. 2003. A produção de material paradidático para a implementação da Educação Ambiental em escolas públicas. Resumos do First World Environmental Education Congress. Espinho, 19-24 d maio de 2003.
- Japiassu, R. O. V. 2001. Metodologia do Ensino do Teatro. Papyrus, Campinas.
- Junqueira, L. H., Silva, C., Leitão, L. A. 2002. O teatro na escola: uma proposta multidisciplinar no processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Educação Física. Lecturas; EF y Deportes - Revista Digital, Buenos Aires, Año 8, N° 50, julio de 2002.
- Ladeira, I. & Caldas, S. 1993. Fantoques & Cia. Ed. Scipione, Rio de Janeiro.
- Mamede, S. B. 2001. Interpretando a natureza.. Editora Oeste, Campo Grande.
- Palhano, R. R. 2001. Teatro de bonecos: uma alternativa para o ensino fundamental na Amazônia. Fundação Universidade Federal do Amapá, Macapá.
- Piaget, J. 1997. Seis estudos de Psicologia. Rorense, Rio de Janeiro.
- Piletti, C. 1993. Didática Geral. Ática, São Paulo.
- Reverbel, O. 1979. Teatro na sala de aula. José Olímpio, Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_, 1988. O caminho do teatro na educação. Scipione, São Paulo.
- Santos, S. M. P. 2001. Apresentação. In: SANTOS, S. M. P.(Org.) A ludicidade como ciência. Ed. Vozes, Petrópolis.
- Souza, A. K. P., Guerra, R. A. T. 2003. Escola e comunidade: uma relação construtiva? Trabalho completo publicado em CR-Rom, Anais do 2º Encontro Temático Educação Ambiental e Meio Ambiente na UFPB, João Pessoa, 9-12 de junho de 2003.
- Telles, M. Q., Rocha, M. B., Pedroso, M. L., Machado, S. M. C. 2002. Vivências integradas com o meio ambiente. Sá Editora, São Paulo.

Este trabalho encontra-se publicado In:Global Trends on Environmental Education.  
AZEITEIRO, U. M., PEREIRA, M. J., LEAL-FILHO, W., CAEIRO, S., BACELAR-NICOLAU, P.,  
MORGADO, F. and GONÇALVES, F. (Eds), **Discursos**, Universidade Aberta, Lisboa, nº  
especial: 361-375. 2004